

## A DINÂMICA RECENTE DA REGIÃO FUMICULTORA GAÚCHA: A EMERGÊNCIA DOS SERVIÇOS<sup>1</sup>

Rita Inês Pauli Prieb<sup>2</sup>

### RESUMO

O texto é construído na perspectiva de explicitar as transformações econômicas recentes na região fumicultora do Rio Grande do Sul. Consideram-se as linhas gerais do desenvolvimento gaúcho e nela a região fumicultora, como um caso em que o setor serviços e indústrias que produzem para o consumo local, passam a ocupar um espaço importante no contexto regional. O principal resultado deste processo sugere que o atual estágio de desenvolvimento econômico regional, deve incorporar a inclusão de novos elementos explicativos na sua dinâmica que incluam a perspectiva de diversificação das atividades produtivas e de serviços.

**Palavras-chave:** desenvolvimento econômico, fumicultura, novas atividades.

### 1. INTRODUÇÃO

O Estado do Rio Grande do Sul cumpre uma trajetória histórica particular de desenvolvimento econômico, sendo sua inserção especificamente capitalista tardia quando comparada à posição alcançada pelo centro dinâmico nacional. A região fumicultora, além de se perfilar num contexto internacional de desenvolvimento desde o início de século XX, é parte essencial da história do Estado, uma vez que o núcleo dinâmico da economia gaúcha nasce nesta região.

Uma análise das principais mudanças na produção fumageira, da região, permite antever dois períodos distintos: o anterior a segunda metade da década de 60, cuja principal

---

<sup>1</sup> XLI Congresso da Sober (Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural) em Juiz de Fora/MG, 28-31 de julho de 2003.

<sup>2</sup> Profa. do Depto de Ciências Econômicas da UFSM, E-mail: [rpaetzol@brturbo.com](mailto:rpaetzol@brturbo.com).

característica consiste na presença majoritária do capital de origem nacional no setor e, o segundo período, posterior a década de 70, fase de consolidação do complexo agro-industrial fumageiro, no qual verificou-se uma centralização e desnacionalização desse parque industrial. Essas mudanças foram acompanhadas de transformações na parte agrícola da produção de tabaco. No segundo período, a forma artesanal de produção da primeira etapa, deu lugar à modernização do processo de trabalho fumicultor.

A especificidade do desenvolvimento da fumicultura no RS, no período mais recente, trouxe mudanças qualitativas no desenvolvimento regional, que se traduzem, essencialmente, na diversificação da produção e serviços ofertados na região. Há que se ressaltar duas causas centrais: as oportunidades de mercado, fundamentalmente no setor de serviços, e a necessidade de busca de alternativas de renda de parte dos agricultores familiares vinculados ao Complexo fumageiro e demais agricultores da região. Isso se consubstancia noutras formas de inserção no mercado de trabalho, isto é, o trabalhador safrista, ou *part-time*.

## **2. LINHAS GERAIS DA EVOLUÇÃO ECONÔMICA E ESPECIFICIDADES REGIONAIS DO RIO GRANDE DO SUL**

O desenvolvimento econômico e regional do Estado do Rio Grande do Sul está intimamente vinculado à forma de ocupação de seu território, à peculiaridade de sua geografia e originalidade de seu desenvolvimento histórico/político. Há pelo menos um aspecto convergente entre os diferentes autores que se empenharam na tarefa de aprofundar uma análise da região, qual seja: as desigualdades.<sup>3</sup>

### **2.1 Vinculação econômica das determinações geográficas/ocupacionais**

---

<sup>3</sup> Uma primeira abordagem que aponta as desigualdades regionais gaúchas encontra-se em OLIVEIRA (1960). Posteriormente, os pesquisadores da FEE (Fundação de Economia e Estatística), a partir de várias publicações demonstram sua longa tradição nos estudos econômicos apontando as desigualdades inerentes à economia gaúcha.

Apesar de não se circunscrever a uma determinante única, a origem das desigualdades presentes na região possuem, uma relação direta com a forma de ocupação do Rio Grande do Sul<sup>4</sup>. Essa determinação histórica pode ser caracterizada por duas estruturas sociais distintas: “Ao Sul, a sociedade dos estancieiros (latifundiários), constituídos estes, por peões e escravos, produtora de couros e depois de carne (charque) e lã e, ao Norte uma sociedade constituída por pequenos proprietários dedicados ao desenvolvimento da lavoura” (IPEA 2000, p.47), em cada uma das duas regiões verificam-se características comuns que permitam tal divisão:<sup>5</sup> “um Norte mais dinâmico e economicamente mais diversificado e um Sul de crescimento lento e de estrutura produtiva mais especializada em poucos produtos” (Alonso & Bandeira, 1994).

Em termos geográficos, os autores assim caracterizam as duas regiões: “O Sul possui uma topografia plana e vegetação de campo em grande parte de sua superfície, facilitando a adaptação à criação de gado em grandes latifúndios, atividade que viabilizou economicamente a ocupação do território a partir da primeira metade do século XVIII” (Alonso & Bandeira, 1986). Por sua vez, no Norte, o relevo acidentado e coberto por matas tornava, muitas zonas desfavoráveis para a pecuária extensiva, onde acabaram se desenvolvendo uma combinação de lavoura com a criação de animais de menor porte ou a pecuária leiteira. (Alonso & Bandeira, 1990).

Entre as duas regiões sempre houve um baixo grau de interligação econômica sendo que uma unificação econômica do espaço se completou bem mais tarde, ou seja, nos

---

<sup>4</sup> Segundo Andreoli (1988), a ocupação do território do Rio Grande do Sul ocorreu através de duas vias históricas. A primeira é representada pelas necessidades de conter as investidas dos espanhóis instalados em outras regiões ao sul do continente sul-americano. Neste caso formaram-se extensas unidades de criação de animais para corte, que representam a instalação e desenvolvimento das primeiras atividades econômicas caracterizadoras da sociedade gaúcha. O desenvolvimento da cidade de Pelotas, primeira grande concentração urbana do estado, é resultado mais marcante do desenvolvimento das atividades da produção agroindustrial, baseada nesta primeira via histórica. A outra, pelas necessidades da economia agrário-exportadora do centro do país, com destaque para São Paulo. Portanto, formaram-se as unidades de produção agrícola e artesanal, aproveitando-se da experiência de vida dos trabalhadores.

<sup>5</sup> Essa linha imaginária que subdivide o Estado, obviamente não pode ser confundido com uma idéia de dualismo econômico, mas antes mostrar que é uma característica da particularidade do processo de

anos 70. É importante lembrar que, nesse mesmo período, apesar da continuidade de um processo de forte concentração industrial em São Paulo, a partir desta década a periferia nacional “diminuiu seu grau de exclusão” do processo de desenvolvimento dado que iniciou um processo de articulação econômica entre a região nacional mais dinâmica com as diferentes regiões brasileiras, inclusive o estado do Rio Grande do Sul.<sup>6</sup>

A partir do maior crescimento regional verificado no Rio Grande dos Sul incluiu-se mais uma formação regional representada pela área localizada no nordeste do Estado, caracterizada pelas grandes aglomerações urbanas, assim definida por Bandeira:

“A estrutura espacial do Rio Grande do Sul pode ser caracterizada a partir da divisão do Estado em três grandes regiões: 1) *Nordeste* é a mais dinâmica do Estado e inclui as áreas mais industrializadas situadas ao longo do eixo Porto Alegre e Caxias do Sul; 2) *Norte*, em que a dinâmica dos municípios está vinculada ao setor primário. O predomínio nessa região é de pequenas e médias propriedades. A atividade agrícola é mais diversificada, com destaque maior para o soja, e as indústrias vinculadas à base agropecuária local tem presença significativa; 3) *Sul* é a área que apresenta a economia menos dinâmica do Estado, caracterizando-se pelo reduzido grau de industrialização e pela concentração fundiária. Predominam aí a pecuária e a plantação de arroz”. (Bandeira, 1995, p. 232)

A ênfase na conformação regional e suas particularidades históricas é importante devido à permanência dos principais traços que as caracterizam até a atualidade<sup>7</sup>. As análises dos principais autores mostram, que diferentemente do que ocorre no caso brasileiro, os movimentos recentes da economia gaúcha (anos 80 e 90) reforçam algumas áreas, ao mesmo tempo em que deprimem a posição de outros locais que outrora já ocupavam posições melhores do que as atuais, não se verificando mudanças significativas de reversão deste processo.

---

desenvolvimento histórico do capitalismo a convivência de ritmos diferentes de desenvolvimento, portanto uma não linearidade destes processos que nem sempre se opõem ao desenvolvimento mais geral.

<sup>6</sup> Percebeu-se nesta década uma desconcentração industrial regional. Os vários determinantes do processo de desconcentração produtiva estão em Cano, 1998.

<sup>7</sup> Com relação ao destino da produção gaúcha, simplificada mente pode-se afirmar que essa economia sempre teve um setor exportador apesar de se restringir a poucos produtos. Inicialmente o trigo, carne e lã ovina. Posteriormente, ganha importância a soja e seus subprodutos, calçados, frangos e alguns manufaturados e o fumo.

Vale reter, que as determinações regionais mais gerais, no que diz respeito ao desenvolvimento da região fumicultora gaúcha, são também perceptíveis para o caso estudado. Assim, os municípios dotados de um maior dinamismo na atividade isto é, as empresas agroindustriais são sediadas na metade norte do Estado,<sup>8</sup> bem como a maior parte dos produtores de tabaco.

## **2.2 O desenvolvimento econômico gaúcho e sua interface histórica de articulação regional**

O processo de desenvolvimento do Rio Grande do Sul deve ser periodizado de forma diferenciada ao desenvolvimento capitalista nacional, isto se torna óbvio a partir da constatação das evidentes diferenças inter-regionais e intra-regionais brasileiras que impedem, evidentemente a generalização de uma dinâmica única e impelem a busca das várias determinantes que permitam a compreensão da especificidade que assume o capitalismo nas diferentes regiões.

A economia gaúcha compreende fases diferenciadas de desenvolvimento dependendo do período histórico considerado. Herrlein, afirma que o primeiro período 1899 a 1930, também denominado de “modelo gaúcho de desenvolvimento”, pode ser caracterizado por uma diversificada pauta de exportações, um relativo isolamento regional e uma economia regional ainda pouco integrada nacionalmente, cujo dinamismo é propulsionado pela demanda interna da região.

O baixo dinamismo da economia gaúcha e a inexistência de uma estruturação econômica regional, até final do século XIX decorrem da ocupação atrasada ou tardia do desenvolvimento gaúcho. Além disso, não foram as charqueadas,<sup>9</sup> mas sim a agricultura

---

<sup>8</sup> a exemplo dos municípios de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz.

<sup>9</sup> Cano W. (1985, p.56-57) mostra que em 1930, São Paulo produzia charque o equivalente a metade da produção do Rio Grande do Sul, assim a integração da oferta do Estado gaúcho com o centro mais dinâmico do país foi muito fraca.

que estabeleceu os vínculos econômicos mais importantes com o restante do país (Carrion Jr, 1979, p.405).

O segundo período (1930-64) considera uma etapa de transição culminando na última década, com uma crise da economia gaúcha e de sua articulação mais geral. A referida crise, além das causas endógenas traduzidas em um limite do padrão regional de acumulação, se circunscreveria, também a problemas oriundos da concorrência dos setores produtivos gaúchos com os mercados do centro e da própria região.

Assim, a perda da posição da economia gaúcha neste período, se traduz em um papel periférico em relação às regiões mais dinâmicas da economia nacional, reforçando uma trajetória de desenvolvimento subordinada à economia capitalista do centro. A superação dessas “dificuldades” teria que ser seguida a um novo ciclo de acumulação e de rearticulação da economia gaúcha. Neste sentido, os anos que se sucedem a 1961 se configurariam em uma terceira fase do desenvolvimento gaúcho, cuja característica principal diz respeito à criação de vários novos ramos produtivos, cujas articulações vão além dos marcos geográficos do RS, integrando-se em escala nacional em alguns ramos, aprofundando sua inserção internacional.

“O período em que cresceu o *gap* da economia gaúcha em relação ao centro hegemônico da acumulação de capital no País (São Paulo) foi justamente o da instalação do bloco de investimentos do Plano de Metas, que determinou o predomínio das indústrias de bens de consumo duráveis sobre a dinâmica da expansão industrial. Decorreu daí a noção de que o caminho para superar o “atraso” seria atrair, para o RS, os investimentos que fizeram a pujança de São Paulo naquele período” Herrlein jr (2002, p.659).

Assim, o Estado passa a induzir um crescimento econômico regional que, paulatinamente, redesenha a região *pari passo* aos surgimentos de indústrias e do desenvolvimento social, em novas bases, porém sem alterar significativamente a

subordinação da economia gaúcha nas economias nacional e internacional, apesar de apresentar, em alguns anos, um crescimento do Produto Interno Bruto superior à média total do país.<sup>10</sup>

### 3. A EVOLUÇÃO DA REGIÃO FUMICULTORA GAÚCHA

O desenvolvimento da fumicultura gaúcha localiza-se em sua maior parte, na Região do Vale do Rio Pardo<sup>11</sup> e remonta desde a segunda metade do século XIX, sendo resultado de um processo que inclui a participação decisiva dos imigrantes alemães que ali se instalaram. Trata-se de uma produção que combina parte do processo produtivo em formas especificamente capitalistas, com utilização de trabalho assalariado e outra, agrícola vinculada ao trabalho familiar<sup>12</sup>.

Assim define Etges: “Por iniciativa do governo imperial, no primeiro momento, e do governo provincial logo a seguir, os imigrantes foram instalados na Encosta do Planalto Meridional, em propriedades que tiveram no início, 48 hectares e depois 24 ha em plena Mata Subtropical Atlântica, a qual tiveram que impor-se com machados e foices, para abrirem as primeiras clareiras” Etges et all,(2002, p.10).

A evolução sócio-econômica da região do Vale do Rio Pardo é, portanto, resultante da forma como se deu a colonização no Sul do país e, permanecendo até a

---

<sup>10</sup> Entre 1985 e 1995 a taxa média de crescimento da economia brasileira é um pouco superior a economia nacional. O PIB gaúcho cresceu em média 2,42%, contra 2,37% do total do país.

<sup>11</sup> A região do Vale do Rio Pardo é constituída por 29 municípios, dos quais 18 fazem parte da AMVARP (Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo) e 09 pertencem a AMCSERRA (Associação dos Municípios do centro-Serra) e 2 municípios não participam de nenhuma das duas associações. A presente pesquisa delimitará um campo de análise que compreende apenas os municípios pertencentes a AMVARP, são eles: Amaral Ferrador, Barros Cassal, Boqueirão do Leão, Candelária, Cerro Branco, Encruzilhada do Sul, General Câmara, Gramado Xavier, Herveiras, Mato Leitão, passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz.(Ver Mapa em Anexo).

<sup>12</sup> Uma análise acerca do desenvolvimento do Complexo agroindustrial do fumo em Santa Cruz do Sul, no RS e suas interfaces históricas da subordinação indireta do trabalho familiar ao complexo fumageiro podem ser encontradas em Prieb (1995).

atualidade, grande parte dos costumes e tradições peculiares à sua realidade anterior, mesmo após 3 gerações desde a vinda dos primeiros colonizadores<sup>13</sup>.

Uma periodização acerca do desenvolvimento da fumicultura gaúcha pode, grosso modo, ser delimitada a partir de duas fases distintas: o período anterior a 1965, em que as empresas fumageiras eram em sua maior parte, de capital nacional e em que a produção agrícola era efetuada em base tradicional, e de um período posterior a década de 70, em que ocorre uma centralização e desnacionalização das empresas estrangeiras, e em que a parte agrícola da produção passa por um processo de modernização, de forma semelhante ao que ocorreu na agricultura brasileira, em geral.

O primeiro período é marcado com uma produção voltada ao mercado externo<sup>14</sup>, posteriormente, o mercado interno passa assumir um importância decisiva,<sup>15</sup> sendo este um dos principais fatores de atração e aprofundamento da internacionalização do capital no setor, devido as possibilidades de realização da produção dentro do país em que foi se instalar.

Neste mesmo período, o RS assistiu, em termos de um desenvolvimento mais geral, a passagem de sua tradição anterior da pecuária, para outras atividades ligadas essencialmente a agricultura.<sup>16</sup> Segundo BUF, apud Cunha (1991, p. 99), em 1851 não

---

<sup>13</sup> Caio Prado Júnior atribui o nome “colonização” ao primitivo sistema de localização dos imigrantes em pequenas propriedades agrupadas em núcleos e que fixaram-se como proprietário da terra, na região sul do país, diferente, portanto, da “imigração”, que possuem como interessados os proprietários, necessitados de braços para a grande lavoura.

<sup>14</sup> As principais características da produção fumageira: até 1917 ocorre uma exportação do fumo não beneficiado; pós 1917 surge a primeira indústria de beneficiamento do fumo em Santa Cruz do Sul. Em 1918 os cigarros são feitos com fumo importado e há uma produção local de fumo e charrutos.

<sup>15</sup> Dados da ABIFUMO demonstram que em 1939, 61,9% do fumo brasileiro era consumido internamente. Nas décadas que se seguem, verificou-se uma crescente importância do consumo interno, atingindo o ápice nas décadas de 60 e 70, quando este já representava em torno de 80% da produção total (Abifumo nº 28 de 1984).

<sup>16</sup> Segundo CUNHA, Jorge Luiz, (1991, p.95), em março de 1848 o presidente da província (de Santa Cruz), Soares de Andréa, coloca diante da Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul as razões pelas quais julga indispensável a colonização das vastas áreas desabitadas da província: 1ª “...para levar a população a todos os lugares da província que a precizem”; 2ª para trazer exemplos e estímulos aos lugares onde a agricultura está abandonada e consequentemente para as cidades e povoações, “outrora notáveis” que sejam estagnadas “como esteve Porto Alegre antes da fundação da comarca de São Leopoldo em 1824”; 3ª para a manutenção das estradas recentemente abertas, através da distribuição de lotes ao longo delas para colonos antigos ou famílias brasileiras 4ª) “para extinguir os tigres e obrigar os indígenas, que habitam com eles as matas, a



existiam grandes plantações com ressalva para o fumo em rama produzido em quantidade suficiente para exportação, bem como uma pequena quantidade de cana-de-açúcar, algodão e linho plantado experimentalmente pelos colonos, naquele ano.

Esta realidade é verificada na mesma época em que o movimento principal da evolução agrícola do país concentrou-se na produção e exportação do café.<sup>17</sup> Operou-se no Brasil, uma verdadeira revolução na distribuição de suas atividades produtivas que se concentravam fundamentalmente na cultura do café. Para Prado Júnior, de modo geral, houve uma decadência das lavouras tradicionais do Brasil da cana-de-açúcar, do algodão e do tabaco. (Prado Júnior 1984, p.157)

Segundo Prado Júnior, a crise na produção do tabaco, deveu-se fundamentalmente, às restrições impostas ao tráfico africano que tiraram um dos principais mercados. Segundo o autor é, sobretudo, no tráfico mantido pela Bahia com as regiões africanas ao norte do Equador (proibido após 1815), que se empregava o tabaco como mercadoria de escambo. (Prado Júnior, 1984)

Apesar da crise em torno do desenvolvimento inicial da fumicultura nacional, verifica-se um posterior crescimento da produção sob grande monta e um deslocamento da produção da Bahia, sua localização inicial, para o RS.<sup>18</sup> Contudo, a produção fumageira ocorre na especificidade que lhe é peculiar até a atualidade, isto é, a produção sob forma articulada<sup>19</sup> às empresas agroindustriais.<sup>20</sup>

---

procurar as civilizações” e, finalmente, nos lugares desertos da fronteira para travar a cobiça das populações platinas sobre o território gaúcho.

<sup>17</sup> Esse produto, acabou por figurar, naquele período, quase isolado na balança econômica Brasileira. Prado Júnior 1984, p.157)

<sup>18</sup> A Bahia continuou sua produção de fumo escuro, cada vez menos demandado no mercado internacional e o RS especializa-se na produção de fumos claros, principalmente o tipo Virgínia.

<sup>19</sup> O sistema articulado de produção fumageira consistia em uma forma de pactuação, na qual o agricultor familiar, através de contrato escrito ou não, comprometia-se com a construção da estufa e/ou galpão para beneficiamento da produção, a partir da plantação da área contratada, e posterior venda da produção à empresa integradora.

<sup>20</sup> No Brasil definem-se nitidamente três regiões produtoras de fumo: o sul (RS, SC e PR) com fumos claros para cigarro; o nordeste (BA e AL) com fumos escuros para charutos e os demais Estados (em particular, MG, GO e SO) pelo fumo em corda (Etges, 1991, p.46).

No segundo período, posterior a 1970, ocorre um aprofundamento da articulação produtor/indústria, passando a constituir-se mais claramente em um complexo agroindustrial<sup>21</sup>. Além disso, verifica-se uma caracterização mais geral de centralização e desnacionalização dos capitais investidos nesta atividade. Nesta década, após um longo período de estabilidade das vendas no mercado interno, verificou-se novamente o mercado externo conduzindo a dinâmica da acumulação no setor, logicamente, a partir de então, exigindo uma modernização crescente e possibilitando uma magnitude de produção superior à do período anterior.

Vários motivos levaram ao maior crescimento do setor fumicultor, dentre os mais importantes pode-se destacar o bloqueio comercial declarado à Rodésia (Zimbawe), que historicamente havia sido o maior fornecedor de fumo no mercado europeu. Assim, o volume de exportações brasileiras aumentou, consideravelmente, exigindo uma modernização em todo o setor fumicultor, no intuito de propulsionar um maior crescimento da produção. Porém, o melhor desempenho na produção fumageira não se generalizou para a maior parte dos produtos agrícolas da economia gaúcha.

O desempenho da agropecuária gaúcha nos anos 90, quando comparado com outros Estados nacionais, possui um menor dinamismo<sup>22</sup>. Mesmo assim sendo, quando o autor compara os períodos de 1985-90 e 1990-98, afirma que a lavoura gaúcha apresentou ganhos de produtividade física na maior parte dos produtos no segundo período, inclusive no caso da produção fumageira cuja produção aumentou consideravelmente de uma média de 170.586 passou para 242.269 toneladas no segundo período. O aumento na produtividade variou de 1,6 para 1,7 %. O autor mostra que a indústria da transformação

---

<sup>21</sup> Os contratos com as agroindústrias passaram a incluir novos elementos como a tecnologia recomendada, e a necessária aquisição dos insumos da agroindústria pela pequena produção. Estas novas especificidades na relação da pequena produção com o capital agroindustrial permitiu um crescente aumento na produção, ao mesmo tempo em que tornou as pequenas unidades mais dependentes do capital agroindustrial.

<sup>22</sup> Accurso Jr. mostra que há um forte crescimento do PIB per capita na região centro-oeste que foi de 7,2% ao ano, impulsionado pelo estado do Mato Grosso que cresceu a uma taxa média anual de 14% ao ano. O Rio

apresentou um crescimento superior à média nacional nos anos 90 (4,4% a . a e 3,1% a. a), tendo havido um expressivo aumento na estrutura industrial dos gêneros mobiliários, bebidas e fumo (Accurso 2000 p. 57)

Nos primeiros anos posteriores ao Real configurou-se um aumento nas exportações gaúchas de fumo, porém, este aumento estaria ligado a fatores exógenos à política econômica brasileira para o setor (PORTUGAL, 1997, p.90). Contudo, no período mais recente configura-se uma verdadeira crise no setor. As exportações gaúchas de fumo caíram em 6,6 % de janeiro a setembro de 1998 quando comparadas com o mesmo período do ano anterior (CAMPOS E PASSOS, 1999, p. 137).

As autoras afirmam que houve uma diminuição nas receitas gaúchas de fumo em folha, na safra de 1997-98, que podem ser atribuídas à queda do preço do produto no mercado internacional, à quebra da safra estadual e à qualidade inferior desta, os efeitos do fenômeno El Niño e o volume a ser processado, adicionando-se ainda o fato de este produto enfrentar barreiras tarifárias, principalmente nas exportações para os Estados Unidos (Macadar; Teruchkin apud CAMPOS E PASSOS, 1999, p. 138).

Analisando dados fornecidos pela AFUBRA para o mesmo período, constata-se que houve uma queda no número de fumicultores no Sul do Brasil. Em torno de 9.000 produtores teriam deixado a produção fumageira da safra de 1997-98 para a safra de 1998-99. Outro dado que merece destaque é que o maior número de desistentes, encontra-se no segmento dos arrendatários, que representam  $\frac{1}{4}$  do total de produtores de fumo.

A crise pela qual passa o setor foi agravada pela desvalorização cambial ocorrida no início de 1999, que passou a incidir nos custos de produção dos agricultores familiares articulados às empresas fumageiras, isto porque a maior parte dos insumos utilizados para a produção são importados.

---

Grande do Sul apresentou um crescimento de 2,2% ao ano, somente superior ao estado de menor crescimento que foi o Pará. (Accurso, 2.000, p.50).

O crescimento da produção de fumo não se deveu a alterações significativas na forma de articulação com as empresas fumageiras, da mesma forma que não houve uma mudança substancial no que diz respeito ao pacote tecnológico utilizado no processo produtivo. Apenas pôde verificar-se uma contração no tempo de trabalho em algumas fases do processo de produção, isto é, na parte agrícola da produção. Isto representa a possibilidade de utilização, em certo grau, da força de trabalho familiar em outras atividades geradoras de renda.

### **3.1 Serviços que surgiram a partir da atividade fumicultora na região<sup>23</sup>**

Uma análise acerca da verificação empírica da emergência de diferentes serviços na região fumicultora gaúcha, não pode prescindir de uma abordagem, mesmo que rápida sobre os Complexos Agroindustriais, visto que é esta literatura que enfatiza o advento recente do setor de serviços como parte integrante dos diferentes entrelaçamentos/vinculações da agricultura com os demais setores da economia.

Sabe-se que a teorização acerca da noção da temática dos Complexos Agroindustriais – ou complexo agro-industrial para parte destes autores<sup>24</sup> – difere não tanto em termos do momento histórico em que estes apareceram no cenário nacional, mas fundamentalmente à forma de tratamento teórico com que é tratada a fase recente da dinâmica da agricultura brasileira.<sup>25</sup>

Sem a pretensão de entrar no mérito das vicissitudes que norteiam a noção embrionária subjacente a esta temática, o que merece ser destacada é a inclusão do setor serviços no interior dos complexos. Isto exige que se ultrapasse da idéia de um complexo

---

<sup>23</sup> Ver Anexo 2, que mostra as principais empresas pertencentes a região fumicultora gaúcha, a partir de um levantamento efetuado pelo Jornal Gazeta do Sul (1999).

<sup>24</sup> Tais como Guimarães (1979), Müller (1989) e Delgado (1985). Uma síntese da crítica a visão do macrocomplexo CAI pode ser encontrado em Silva (1996).

<sup>25</sup> Ver Silva (1996), capítulo 3.

agroindustrial fechado em torno de um produto.<sup>26</sup> Assim, há que se pressupor vinculações que não se limitem àquelas meramente produtivas, isto é, das indústrias que vendem o D1 para a agricultura, e àquelas que processam os produtos oriundos dela. Nem mesmo simplificar a análise afirmando que o Estado propulsionou todo este processo e de que as relações que estabelecia quando da sua constituição, também valeriam para o período posterior da consolidação dos CAIs.

A emergência dos serviços na região fumicultora gaúcha decorre de fatores relacionados a movimentos de demanda, acompanhando as tendências mais gerais de novas atividades que caracterizam o cenário brasileiro atual, da possibilidade de inserção em novos nichos de mercado e de uma demanda específica, funcional aos requerimentos das empresas agroindustriais.

Por outro lado, e não em menor grau explicativo da emergência dos serviços na região fumicultora, diz respeito ao baixo ganho econômico oriundo da atividade fumageira de um grande segmento das unidades familiares da região, que são “empurradas” para outras atividades geradoras de renda que permitam a aquisição de seus meios de vida, o que é corroborado pela caracterização atual de crise do setor fumicultor, vista anteriormente.

Desta forma, é a própria crise enfrentada pela produção articulada ao complexo fumageiro que impulsiona muitos produtores a buscarem novas alternativas de renda<sup>27</sup>, somada ao fortalecimento das novas iniciativas e oportunidades que começam a surgir no

---

<sup>26</sup> Além da necessidade de se inserir na análise dos complexos os serviços, Graziano (1996) enfatiza a importância da abordagem neocorporativista por contribuir na discussão sobre os complexos tratando-os como resultado histórico de uma concertação de interesses de um lado, do Estado; e de outro as organizações, ambos representados pelos seus respectivos interlocutores.

<sup>27</sup> Etges mostra que a renda média bruta dessas famílias tem se situado em torno de R\$ 9.300,00 ao ano, nas safras 99/2000 e 2000/2001 e a renda bruta atingiria em torno de 73% do total, perfazendo uma renda líquida de R\$ 2.511,00 ao ano. Considerando o tamanho médio da família (3,4 tabalhadores) chega-se a uma remuneração de um terço do salário mínimo nacional, por trabalhador. Etges (2002, p. 14).

cenário local, principalmente os serviços criados a partir do próprio padrão de desenvolvimento da atividade fumageira na região.<sup>28</sup>

Tem crescido na região do vale do Rio Pardo a prática associativa, a qual é incentivada pela Secretaria da Agricultura da maior parte dos municípios da região e de outros programas de promoção de pequenos empreendimentos comunitários. Cerca de 70% dos investimentos feitos pela Secretaria da Agricultura da maior parte dos municípios da região, foram para associações. A grande marca da diversificação de culturas diz respeito à fruticultura (citros, uva, pêssego, banana e figo). Contudo, jornais locais, e entrevistas com lideranças da região, demonstram que outras instituições privadas - a UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul) e outras instituições não governamentais de iniciativa das igrejas católica e evangélica de Confissão Luterana do Brasil:

**Sítios de Recreio:** Com áreas arborizadas, churrasqueiras, camping, cavalos para passeio, praças de rodeio com atividades campeiras, locais para práticas de esportes e várias casas antigas restauradas com arquitetura típica de período de colonização alemã, que servem como pousadas.

**Turismo Rural:** existe há mais de um ano e engloba a visita a restaurantes com comida típica alemã em que são servidos vinhos feitos nas próprias propriedades e que envolve a venda de cucas, pães, linguiças, bolos, schmier, derivados da cana-de-açúcar e outros produtos da *khuchenhaus*. Mais de 22 mil pessoas conheceram o patrimônio local, no primeiro ano de criação deste projeto turístico.

**Turismo Rural Ecológico:** cabanas com churrasqueiras em áreas arborizadas e disponibilidade de espaços para camping, práticas de esporte e pesque-pague. A exemplo de propriedade deste tipo, há no vale do Rio Pardo o chamado Sítio Sete Águas,

---

<sup>28</sup> A nova dinâmica orientada no engajamento dessa população às novas atividades (prestação de serviços, comércio e indústria) são parte de um movimento mais geral de mudanças recentes no meio rural brasileiro. Uma abordagem ampla acerca das principais razões e caracterização do “Novo Rural Brasileiro”, pode ser

circundado pelo rio Taquarí Mirim, mais dois lajeados com quatro fontes e trilhas no mato para fazer caminhadas ecológicas, trilhas com cascatas, aluguel de cavalos para turistas, para visitarem as atrações locais que envolvem desde camélias centenárias e também, visitas a antigas igrejas católicas e evangélicas locais.

**Agroindústria de Laticínios:** agroindústria de queijo, absorvendo a produção local engloba 20 produtores de leite que antes comercializavam com a Parmalat e Consuel e outras empresas de laticínios com comercialização local nas feiras e horto-atacados e com a cidade de Caxias do Sul-RS. Segundo estimativas feitas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Cruz do Sul, esta iniciativa permite um ganho de 38% no litro de leite, superior aos que comercializam para as grandes redes. Esta agroindústria entrou em funcionamento na forma jurídica associativa, desde julho de 1999.

**Transformação de depósitos de lixo em áreas de lazer:** cooperativas de catadores de lixo construção de lagos de decantação, transformação de áreas de depósito anterior em jardins botânicos de espécies nativas.

**Criação de suínos:** desenvolvimento de todo um processo de suinocultura, desde a matriz, passando pela maternidade terminação dos leitões, abate, fabricação dos embutidos e a comercialização e a produção de ração a base de mandioca.

**Coovecruz Cooperativa de trabalhadores do vestuário:** Que engloba produção terceirizada para indústrias como a Pitt e Sinvest. Esta cooperativa iniciou suas atividades em 1998 e conta com 21 associadas.

**Horticultura:** cresce o cultivo de hortaliças com orientação de centros de apoio ao pequeno produtor (CAPA) e Emater, com a produção de produtos sem agrotóxicos.

**Calçados:** filial 9 das indústrias do Vale dos Sinos (Dois Irmãos) com uma produção de calçados femininos para exportação para os EUA, com a criação inicial de 100 empregos no período inicial da instalação.

**Industrialização de embutidos:** é a primeira experiência de apoio do Pólo de Modernização Tecnológica do Vale do Rio Pardo que funciona da UNISC. O projeto começou há três anos e um dos principais enfoques na industrialização de produtos embutidos fermentados de carne é o aumento da produção e a redução do tempo de confecção e com maior qualidade, possibilitando condições de competir com as grandes indústrias, que utilizam moderna tecnologia.

**Fábrica de Alimentos Bistex:** Localiza-se nas margens da BR- 471 e produz mensalmente 500 toneladas de biscoitos e massas, exportando 15% da sua produção para o Uruguai, Paraguai, Cuba e Costa Rica e pretende aumentar o percentual exportado para 25%. Em torno de 70% de salgadinhos de bacon são vendidos para a região Sul, onde a empresa mais atua, são da marca Bistex. Outros produtos de grande aceitação no mercado estão as pastilhas de trigo para fritar, os recheados, os biscoitos doces de mel e os extrusados de milho. A empresa busca lançar em breve uma linha de biscoitos salgados, integrais e com proteína de soja. O ano que marca o início de uma preocupação em termos de modernização tecnológica foi 1998, isto devido ao acirramento da concorrência. A empresa acredita que sua consolidação definitiva no mercado se dará com o certificado de qualidade ISO 9001/2000 que será recebido no início de 2003. Para isto houve uma reestruturação interna da fábrica, envolvendo um melhor treinamento de 209 funcionários e de utilização de critérios mais rigorosos na qualidade das linhas de produção.

**Empresa Restaura Jeans:** a unidade industrial especializada no setor de recuperação e tingimento de roupas novas e usadas. Situa-se no Distrito Industrial de Santa Cruz do Sul e conta com mais de 200 pontos franqueados nos principais Estados das



Regiões Sul e Sudeste do país. A unidade de Santa Cruz do Sul conta com 42 funcionários em São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro.

**Fábrica de Brinquedos Xalingo:** Existe há 55 anos e é sucessora da Xavier Braunger e CIA Ltda, fundada em 1947. Xalingo detém cerca de 3,5% do mercado e ocupa a oitava posição entre os fabricantes de brinquedos de Santa Cruz do Sul. Cerca de 2,5% do faturamento da empresa provém das exportações para Bolívia, Argentina, Uruguai, Paraguai, Honduras, El Salvador, Angola e África do Sul. A Xalingo produz mais de 350 produtos em segmentos de esporte e lazer, playground, solicitados por escolinhas infantis, shopping centers e hotéis. A linha educativa, brinquedos pedagógicos de plástico e madeira são vendidos em diferentes escolas no país.

**Refeições Ao Ponto Ltda:** Situada no Distrito Industrial de Santa Cruz do Sul, a empresa atua em duas áreas específicas: 1) administração de restaurantes das empresas, garantindo a matéria-prima e, 2) preparando os pratos como refeição pronta. A empresa fornece alimentos em vários municípios do Estado. Em Santa Cruz do Sul fornece refeições às maiores empresas do município como a Philip Morris, (somente nesta empresa, a Ao Ponto chega a fornecer, diariamente cerca de 2.000 refeições e 1,6 mil lanches, para as três unidades fabris), Souza Cruz, Meridional de Tabacos, C.T.A., Mercur, Pitt Jeans e Frigorífico Excelsior, Deltassul, Gaúcho Diesel. É importante ressaltar que a empresa em parceria com a Souza Cruz, está trabalhando na implantação do novo restaurante da empresa, que será instalado na unidade de fabricação de cigarros de cachoeirinha, atualmente em obras. O projeto propõe a integração de espaços de alimentação e lazer. Estão previstos serviços de buffet, em várias linhas, jardins internos e um cyber café, contando, ainda com salas de leitura e jogos, sala de vídeo e uma vista panorâmica da área verde em torno da fábrica.

É importante observar, que a maior parte das novas atividades desenvolvidas na região fazem parte do setor serviços e foram, efetivamente, impulsionadas a partir do crescimento do setor fumageiro na região. Muitas atividades produtivas realizadas pelos agricultores familiares são tradicionais, e inicialmente eram produzidas como “valores-de-uso”. Atualmente, elas possuem “valor de troca”, noutras palavras, certos produtos passaram a se mercantilizar, transformando-se em um nicho de mercado que está sendo amplamente explorado pelos agricultores familiares da região.

A organização dos produtores é também face marcante deste processo. Na região, além das associações já expostas anteriormente, há outras, tais como: associação de feirantes agroecológicos (Afecam), constituída por 176 famílias, sendo criada em 1986. A produção é de 300 mil kg de hortifrutigrangeiros e engloba 4.000 kg na parte de agroindústria com conservas orgânicas de pepino e beterraba, com crescimento médio anual de 150%. A Cooperativa Agroecológica Centro-Serra Coagricel, com sede em Sobradinho engloba 150 famílias de 9 municípios com produção de 650 mil kg.

### **3.2. O Trabalhador part-time na fumicultura**

Em uma pesquisa exploratória, realizada em julho de 1999, na região do Vale do Rio Pardo, verificou-se a presença do trabalhador em tempo parcial ou *part time*, uma vez que uma parcela dos produtores de fumo estão trabalhando como assalariados temporários nas próprias indústrias fumageiras.

Tais constatações, já foram descritas por VARGAS, SANTOS FILHO E ALIEVI 1998, p.14:

“..., cerca de 160 mil famílias (em média com 5 integrantes cada), trabalham com o cultivo do fumo. O setor responde pela contratação de 52 mil empregos temporários (safristas) e em torno de 14 mil pessoas, incluindo produtores rurais, empregos efetivos e temporários, transportadores, postos de venda, fabricantes e distribuidores de insumos agrícolas e fornecedores da matéria-prima

principal (fumo em folha)”. (VARGAS, SANTOS FILHO E ALIEVI, 1998, p.14).

Os safristas são, portanto, trabalhadores em tempo parcial cuja maioria (senão a totalidade) é composta por agricultores familiares do fumo. Isto mostra que a consolidação do processo de desenvolvimento da atividade fumageira na região, criou possibilidades de trabalho que vão além da produção agrícola. Este processo tomou impulso a partir da década de 70, período em que ocorrera um aumento substancial da demanda de fumo em folha no mercado internacional, impulsionando e ampliando consideravelmente a instalação de fábricas na região <sup>29</sup>.

O trabalhador em tempo parcial combina a prática agrícola com o período de pico de trabalho nas empresas processadoras, muitas vezes, na mesma empresa em que vendem sua produção. Os contratos de trabalho com carteira assinada duram em média 3 a 4 meses, e incluem desde o controle das máquinas até os serviços de limpeza. Os agricultores não encontram sempre vantagens nesta forma de assalariamento temporário, uma vez que ao se tornar um trabalhador em tempo parcial perde o bloco de produtor rural, não podendo, portanto, receber os benefícios próprios dos pertencentes a esta categoria.

Em entrevistas com lideranças sindicais da região fumicultora, pode-se entender um pouco mais como se dá esta relação. Em geral, o período de contratação era de janeiro ao mês de agosto de cada ano, contudo, as empresas tinham interesse na contratação destes trabalhadores nos anos subseqüentes a tal ponto que faziam eles se sentirem vinculados às empresas. A maneira encontrada pelas empresas para garantir com que estes se sentissem “empregados permanentes” ocorria a partir de incentivos pessoais como placas e/ou medalhas de distinção pelo desempenho, presentes nas festas natalinas, além de garantir auxílio-saúde para os demais integrantes da família, mesmo no período em que não

estivessem recebendo salários. Assim, os incentivos oferecidos pelas empresas auxiliam na manutenção dos vínculos entre ambas as partes.

A queda do número absoluto desta categoria de trabalhadores, nos últimos anos, dá-se em função da automatização das linhas de produção. Em relação a 1970 foi de 50%, isto ocasionou uma queda não apenas dos safristas, mas também dos trabalhadores efetivos.

Assim, as repercussões da consolidação das empresas na região fumicultora gaúcha, permitiu uma irradiação positiva sobre o desenvolvimento regional, criou inúmeras possibilidades de investimentos, principalmente no setor de serviços e fez aparecer uma nova categoria de produtores familiares, não apenas articuladas às empresas fumageiras como produtores de fumo, mas como vendedores de sua força de trabalho, talvez a caminho de sua proletarização completa.

#### **4. CONCLUSÕES**

Em linhas gerais, pode-se vislumbrar no Rio Grande do Sul dois traços marcantes do desenvolvimento econômico regional: 1) houve uma passagem de um desenvolvimento eminentemente de base agrária para a industrial, porém sem a extinção da primeira, mas na maior parte dos casos aproveitando <sup>30</sup>a estruturação histórica anteriormente definida, e 2) um crescimento importante do setor de serviços em grande medida complementares à manutenção e crescimento das atividades industriais.

O presente artigo procurou mostrar que o desenvolvimento da fumicultura no Rio Grande do Sul, a partir de 1970, imprimiu, paulatinamente, uma transformação qualitativa na dinâmica da região passando a estimular a diversificação das atividades econômicas,

---

<sup>29</sup>Na área de processamento do fumo em folha, Souza Cruz, Universal Leaf e Dimon são as principais empresas do arranjo na medida em respondem, juntas, por uma capacidade de processamento de mais de 400 bilhões de quilos de fumo e mantém mais de 110 mil produtores integrados nos 3 Estados do Sul.

<sup>30</sup> Se apoderando da agricultura, por exemplo tal, como preconiza Kautsky, na obra *Questão Agrária*.

principalmente àquelas relacionadas ao setor de serviços. Contudo, sabe-se que todas essas mudanças contêm nuances no concernente às especificidades contidas neste processo. Assim, há que se ressaltar, que a direção imprimida nas novas atividades geradas dizem respeito às novas demandas e a situação econômica do agricultor familiar, mormente aquele articulado à produção fumageira local, que busca meios de melhorar suas condições de vida, ora buscando diversificar suas atividades, ora se tornando trabalhador temporário nas empresas fumageiras.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACCURSO, Cláudio F. **Estratégias de desenvolvimento para o Rio Grande do Sul**. In: Ensaios FEE. 2002. P. 337 – 371.

ALONSO, José A & BANDEIRA, Pedro S M.D. . BENEFF, M. **Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas**. Porto Alegre: FEE, 1994.

ALONSO, José A . F. **A evolução das desigualdades inter-regionais da renda interna do Rio Grande do Sul: 1939 – 70**. N.9, porto Alegre: FEE, 1986.

ANDREOLI, Dejalme. **As desigualdades regionais do Rio Grande do Sul**. Indicadores FEE, v.17, n.2, Porto Alegre, 1989.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 193-197**. São Paulo: Campinas: Global; UNICAMP,1985.

CAMPOS , S.H. E PASSOS M. C. **O Desempenho da Indústria em 1998**. Indicadores Econômicos. FEE. 1999. 333p.

CUNHA, J. L. da. **Os colonos Alemães e a Fumicultura. Santa Cruz do Sul**. Editora da FISC. 1991. 184 p.

DELGADO, G C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. São Paulo; Campinas: Ed. Ícone/Ed. da UNICAMP, 1985.

ETGES V. **Sujeição e resistência: os camponeses gaúchos e a indústria do Fumo**. FEE, 1989.

----- **Tobacco growing and ecosystem effects**. Project Number 98-8760-01/50386, Santa Cruz do Sul/ UNISC. 2002.

GAZETA DO SUL. Guia Sócio-Econômico do vale do Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, 26 e 27 de junho de 1999.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. Campinas. Instituto de Economia – UNICAMP. 1996, 217p.

----- **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: Instituto de Economia – UNICAMP. 1999. 153p. in Revista de Economia Aplicada. FEA – USP. 1998. P.515- 551.

GUIMARÃES, A . P. **A Crise agrária**: Paz e Terra, 1979.

HERRLEIN, Ronaldo Jr. **A Trajetória do desenvolvimento capitalista no Rio Grande do Sul**. In Ensaio FEE . 2002. P. 645-668.

IPEA 2.000

MÜLLER. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo, HUCITEC, 1989.

OLIVEIRA, Franklin de. **Rio Grande do Sul: um novo nordeste?** Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1960.

PORTUGAL, Marcelo. **Efeitos do Plano Real sobre o Rio Grande do Sul: As Exportações, o Nível de Atividade e as Finanças Públicas Gaúchas nos dois Primeiros Anos do Real**. Revista Análise Econômica, Porto Alegre, Ano 15, março de 1997, p.91-109.

PRADO Jr C. História Econômica do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1984.

PRIEB, Rita I. P. **Fábrica de ilusões: o caso dos pequenos produtores de fumo de Santa Cruz do Sul – RS**. Campina Grande: UFPB. 1995. Dissertação de Mestrado. 92p.

VARGAS, Marco A.; FILHO, N. S.; ALIEVI, R. M. **Análise da dinâmica inovativa em arranjos produtivos locais no RS: complexo agroindustrial fumageiro.** UNISC-CEPE-IE/UFRJ, Mangaratiba-RJ, dezembro de 1998.

ANEXO 1

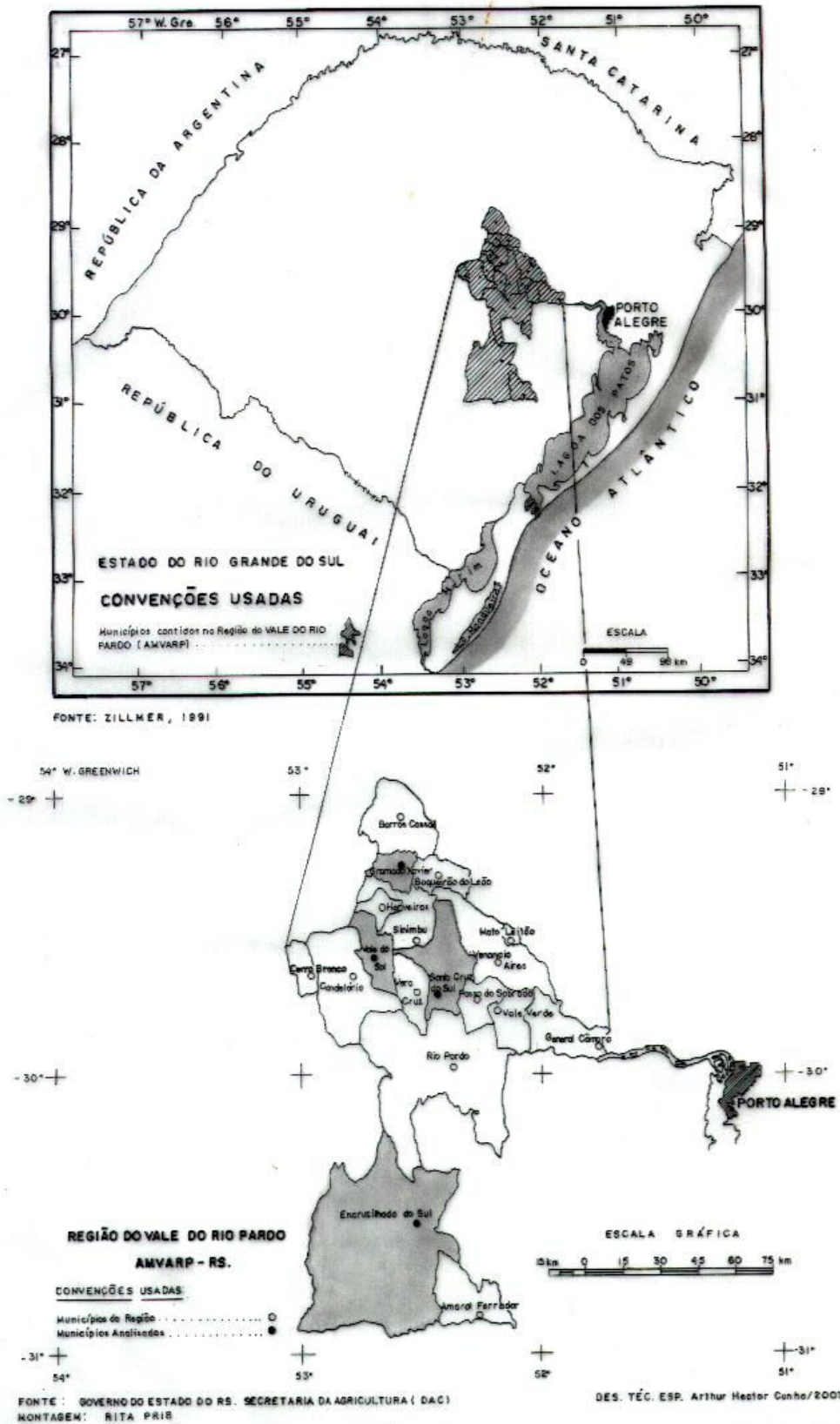


FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO ( AMVARP ) NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



**ANEXO 2**  
**MAIORES EMPRESAS DE ACORDO COM O VALOR ADICIONADO/ ANO 2000**

<b>ARROIO DO TIGRE</b>	SCHMIDT IRMÃOS CALÇADOS LTDA COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA LA. CEREJA LTDA (COMACEL) FINKLER DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS TABACOS TIGRE LTDA COMERCIAL DE ALIMENTOS TIGRE
<b>BARROS CASSAL</b>	COOPERATIVA AGRÍCOLA SOLEDADE LTDA BATTISTI & MARTINI LTDA VALDEMAR FACHI & FILHOS LTDA FARMÁCIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA LTDA CRUZ E DA CRUZ LTDA
<b>BOQUEIRÃO DO LEÃO</b>	S.A KNIPHOF MADEIREIRA OLI R. PITANA DIAS COOPERATIVA REGIONAL DE ELETRIFICAÇÃO RURAL TEOTÔNIA (CERTEL) MACO MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA PICOLI COMÉRCIO DE ALIMENTOS E CONSTRUÇÃO
<b>CANDELÁRIA</b>	INJECT – INDÚSTRIA DE INJETADOS LTDA COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA CANDELÁRIA LTDA ALCEMIRA FURLAN LANVALL SCHMIDT IRMÃOS CALÇADOS LTDA WOLLMANN & CIA LTDA. IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE CEREAIS S/A ARROZEIRA CANDELÁRIA LTDA VALMIR BEHLING COMÉRCIO DE COMBUSTÍVEIS NEVOEIRO LTDA
<b>CERRO BRANCO</b>	CLÁUDIO NESTOR DIEHL JOSÉ ORLANDO KONZEN ROBERTO BERNARDO POHL & CIA LTDA ABASTECEDORA DE COMBUSTÍVEIS CERRO BRANCO LTDA
<b>ENCRUZILHADA DO SUL</b>	SERRARIA E BENEFICIAMENTO SÃO JOSÉ LTDA FORJASUL ENCRUZILHADA INDÚSTRIA DE MADEIRAS LTDA COMÉRCIO DE ELETRODOMÉSTICOS PEDRO OBINO JR LTDA LINS FERRÃO E & LTDA LOJAS XAVIER TECIDOS LTDA GABRIELA C. BROCARDO UNIVERSAL SUPERMERCADO LTDA LOJAS COLOMBO S/A COMÉRCIO DE UTILIDADES DOMESTICAS ANTERO SOARES MEIRELES COREMA INDÚSTRIA DE MADEIRAS LTDA
<b>ESTRELA VELHA</b>	COOPERATIVA TRITÍCOLA DE ESPUMOSO LTDA (COTRIEL) ERNI ÂNGELO MAINARDI ERICO LUIZ DALCIN REGES & SCAPIN LTDA EROMAR DOS SANTOS ORTIZ
<b>GENERAL CÂMARA</b>	SOCIEDADE DOS MINERADORES DE AREIA DO RIO JACUÍ

	ARMANDO RAMÉ, SEVERO E BRITO LTDA MARÇAL O. ATKINSON PAULO ROBERTO RAMÉ
<b>GRAMADO XAVIER</b>	BATTISTI & CIA LTDA DOMINGOS S. V. DA ROSA B. POZZEBON E & CIA LTDA POZZEBON E BATTISTI LTDA NASSAIR DA SILVA
<b>HERVEIRAS</b>	IRENEU SILVEIRA & CIA LTDA G. & V. SIQUEIRA LTDA SELENI BRUM NEITZKE K CIA LTDA ERENI SIVEIRA E CIA LTDA
<b>IBARAMA</b>	IBACOUROS E PELES LTDA DAL RI, OLIVIER & CIA LTDA CÉSAR L. LOVATO E CIA LTDA
<b>JACUIZINHO</b>	NADA CONSTA
<b>LAGOA BONITA DO SUL</b>	NADA CONSTA
<b>LAGOÃO</b>	HILDEBRAND E BORGES DA COSTA MÁRIO JESUS DE CAMARGO OLÍRIO TORREL DIAS E PINTEL LTDA LOURENÇO E TORREL
<b>MATO LEITÃO</b>	NADA CONSTA
<b>PANTANO GRANDE</b>	COOPERATIVA AGROPECUÁRIA LTDA (CODISTAL) COOPERATIVA TRITÍCOLA DE ESPUMOSO LTDA UNIVERSAL DE CALCÁRIOS LTDA (UNICAL) OLIVÉRIO A. RIBEIRO & CIA LTDA IMPORTADORA E EXPORTADORA DE CEREAIS IMEC
<b>PASSA SETE</b>	POSTO NEBLINÃO LTDA ZÉLIA M. ZUCHELTO BOER E BOER LTDA MARWE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO COMERCIAL DE ALIMENTOS CAMARÍ LTDA
<b>PASSO DO SOBRADO</b>	NADA CONSTA

<b>RIO PARDO</b>	FRIGORÍFICO TRÊS S/A IMPORTADORA E EXPORTADORA DE CEREAIS S/A IMEC SUL AMÉRICA TABACOS S/A BISTEX ALIMENTOS LTDA LOJAS XAVIER TECIDOS LTDA EMPRESA DE MINERAÇÃO ARAÚJO LTDA COMÉRCIO DE COMBUSTÍVEIS DAPA LTDA E COM. LUB. LISBOA
<b>SALTO DO JACUÍ</b>	COMPANHIA ESTADUAL DE ENERGIA ELÉTRICA (CEE) IRMÃOS LOLODI E CIA LTDA ELIO STARLICK & FILHOS LTDA PEDRAS MÜLLER LTDA PEDRAS MÜLLER LTDA M. DE MELLO & MELLO LTDA
<b>SANTA CRUZ DO SUL</b>	PHILIP MORRIS DO BRASIL S/A UNIVERSAL LEAF TABACOS LTDA DIMON DO BRASIL TABACOS LTDA SOUZA CRUZ S/A MERIDIONAL DE TABACOS LTDA PIONER SEMENTES LTDA FULLER S/A MERCUR S/A DIVISÃO BORRACHA CONFEÇÕES SIMON BRAUN LTDA METALÚRGICA MAR S/A
<b>SEGREDO</b>	COMBUSTÍVEIS INCOMAL LTDA COMERCIAL DE COMBUSTÍVEIS TAMANDUÁ LTDA. RENATO . A . ZUCHETTO NESTOR CARNIEL ROSANE R. FERON
<b>SINIMBU</b>	NADA CONSTA
<b>SOBRADINHO</b>	SUPERMERCADOS TREVISÓ RÁDIO SOCIEDADE SOBRADINHO REDITEC EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS LTDA SUPERMERCADO SOBRADINHO
<b>TUNAS</b>	COAGRISOL POSTO 04 COAGRISOL POSTO 20 VALDOIR FRANCISCO DA SILVA EVA ROMILDO PALHANO ALT COMERCIAL DE ALIMENTOS E MÓVEIS TUNAS LTDA DALCIN E BATALHA LTDA
<b>VALE DO SOL</b>	NADA CONSTA
<b>VALE VERDE</b>	NADA CONSTA
<b>VENÂNCIO AIRES</b>	NADA CONSTA
<b>VERA CRUZ</b>	DIMON DO BRASIL TABACOS LTDA KANNEMBERG, BARKER HAIL COTTON TABACOS (KBH & CIA) METALÚRGICA RBM LTDA INDÚSTRIA DE BEBIDAS CELINA LTDA ELISEU KOPP E CIA LTDA CURTUME VERA CRUZ

	WILD E KROTH E CIA LTDA LOJAS FISHER LTDA KAUZER INDÚSTRIA E COMÉERCIO DE ARTIGOS ESPORTIVOS LTDA REBELLI IND. E COMÉRCIO DE PLÁSTICOS LTDA
--	--